

JTB - 1º/1/82

CADERNO B - 9
Fotos de Maria Helena Almeida



As mulheres levam suas peças para o forno construído pela comunidade do morro do Chapéu Mangueira, com a ajuda de Celeida Tostes, da Escola de Artes Visuais do Parque Laje

CHAPÉU MANGUEIRA/LEME DO BARRO NO MORRO, A CRIAÇÃO DE UMA ARTE

I
S
ra
le
ta
a-
to
li-
m
so
o
só

im
ga.
em
se
di-
por
ito
stá
es-
ca)

mo
an

NO Morro Chapéu Mangueira, no Leme, qualquer um sabe informar onde é a casa de dona Efigênia. É ali que, uma vez por semana, um grupo de senhoras se reúne para criar, depois do trabalho, com a ajuda de Celeida Tostes, da Oficina de Artes do Fogo e Transformações de Materiais, da Escola de Artes Visuais no Parque Lage. Fazem bonecas buscando referências na infância — a maioria não nasceu no Estado do Rio — preparam barro que mais tarde é transformado em cerâmica e tijolos, costumam.

— A idéia é levantar a mão-de-obra desocupada quando da saída da pequena cidade para grandes centros urbanos. É a panela de anos atrás que agora é lavadeira, é o oleiro e construtor de caldeiras que agora é carregador ou porteiro, ou ainda, é aquela mulher de 70 anos que nunca tinha pegado em barro, mas que pode viver através dele o seu cotidiano, a sua fantasia.

Celeida vibra com seu trabalho. Desde abril de 80, sobe o morro a cada dia com mais esperança. Dona Augustinha, Dona Anita, Dona Maria José, e outras, ao vê-la, felizes, procuram mostrar o que produziram durante a semana. Comparam. Celeida provoca: "Hoje vamos fazer a família." Maria Helena, doméstica, ganhando cerca de Cr\$ 8 mil por mês, apresenta um casal de noivos: boneco feito de meia, retalhos pretos, boca, olhos e nariz pintados, e boneca de branco, véu e grinalda. Bem feitos, chegam a agradar.

Maria Helena não é casada. "Moro aí com alguém." Ao fazer os bonecos achou uma forma de realizar seus desejos, de

60 anos, não trabalha mais fora, dá graças a Deus por poder fazer bonecas e cerâmicas. Faz um apelo: "Quem tiver retalho para mandar para gente ajudaria muito. Tanto as bonecas como as roupas e colchas são feitas de restos que Celeida traz. Não dá pra todo mundo."

No trabalho com barro — no morro existe barro bom — Dona Efigênia é das melhores. Faz pratos bules. Até tijolos, com as mãos, afina a terra catando pedrinhas. Se for para fazer tijolos, molha as formas e passa em areia. Põe um pouco de água no barro, bate bem, e enforma. Tira e deixa secar por dois dias.

A comunidade já fez tijolos suficientes para construir um lugar de trabalho, um galpão com condições de espaço, luz e ventilação. Celeida afirma que a falta de lugar fixo para trabalhar diminui o número de interessadas. Vão organizar um mutirão só para construção.

A única aluna que não comparece à reunião é Henriqueta, de 65 anos. Nascida no sul de Minas e ex-doméstica, morando mais para o alto do morro com mais sete pessoas, em uma casinha sem condições, conseguiu montar seu atelier de trabalho do lado de fora. Bastante habilidosa na área de cerâmicas, Dona Henriqueta ganhou uma bolsa de estudos de Rubens Braitman, diretor da Escola de Artes Visuais. Mas não vai todos os dias: não tem dinheiro para passagem.

Para a queima do barro, um forno foi construído com tijolos apanhados no lixo da própria comunidade. O barro usado, considerado de boa liga por Celeida, é extraído dos locais certos no morro. A FEEMA fez ali um levantamento e constatou que os pontos de extração não oferecem perigo de desabamento.

A associação Amigos do

nesta área outra comunidade: o morro da Babilônia.

— Eu conheci esta área em 79, convidada por dois sambistas, subi o morro pela primeira vez. Chovia. À medida que entrávamos pelo morro, observei que por todo lado tinha barro. Úmido, parecia ser de boa liga. Ofereci então à associação dos Amigos do Chapéu Mangueira um trabalho para tirar partido dos recursos naturais que a própria comunidade poderia oferecer. Aceitaram.

Foi assim que Celida começou seu trabalho. Instruiu, orientou, conseguiu algumas bolsas. Como incentivo, compra todas as bonecas feitas a Cr\$ 150. Ainda não as revende. "Quando for o caso, reverterei o ganho à comunidade". Está segurando um pouco tanto o trabalho com bonecas quanto o trabalho de cerâmica. "Procuro guardar uma amostragem da comunidade que foge do artesanato copiado; tento levantar raízes." Pretende expor este trabalho, através de Clarival Valadares, na galeria do Banerj. Está à cata também de incentivos do MEC, UNESCO, e outras entidades dispostas a colaborar. Apresentou um projeto, aguardando resposta.

Os alunos da Escola de Artes também participam trabalhando na periferia, estendendo à comunidade suas experiências. Levam uma tecnologia baseada no material natural encontrado (barro, calcário, usos de qualquer terra, adaptados aos pontos de extração que se apanha no lixo), material de refugo e o chamado lixo urbano. O resultado da experiência está sendo transmitido às professoras da rede estadual de escolas de primeiro grau e que participam do Curso de Arte e Educação, na Escola de Artes Visuais. Segundo Celeida, o trabalho com esses professores está direcionado para a comunidade de

da
eto
que
no
ide,
am
sno

) fê-
das
Go-
ição
om-
qua-
têm

leos
erde,
odi,
ipro-
a.

s em
me-
s de
ares.
par-
apim
agei-
irem
is es-
s dis-
mitir
dos

orem
esta-
nder
léia é
mais
agem
pida-

ojetos.
os, a
sair o
ercas.
struir
uros.
para
e Cr\$
o. (A
Nor-
ões, a
que o
essio-

estão
io de
época

de branco, veu e grinalda. Bem feitos, chegam a agradar.

Maria Helena não é casada. "Morro aí com alguém." Ao fazer os bonecos, achou uma forma de traduzir o seus desejos, de mostrar o que acha que é família. Das 15 que trabalham ali, poucas têm uma família regular.

O rendimento médio da "turma" é baixo, menos que um salário mínimo. Dona Augustinha, por exemplo, ganha com seu trabalho de doméstica cerca de Cr\$ 3 mil por mês. "Mas tenho meu marido que ganha Cr\$ 10 mil, trabalhando na Regional". Não se queixa, "a gente vai levando". Morando em casa de quarto e sala, banheiro precário, diz ser melhor morar no morro do que no Norte da Paraíba, onde nasceu. "Lá é miséria mesmo." Chefe do departamento feminino da comunidade, Augustinha organiza também as compras no Ceasa, abastecendo cerca de 2 mil pessoas que ali vivem. "Cada um paga o seu, o Murilo empresta o pick up."

Os amigos de Chapéu Manguieira são organizados. Elegeram a cada três anos, de modo temático — por voto — um presidente, vice-presidente, tesoureiro e outros cargos de sua associação. Distribuem funções para melhorar os serviços de luz, água, lixo — Dona Augustinha reclama da Comlurb apontando para o monte de lixo na base do morro.

A casa de Dona Efigênia, escolhida por ser uma das melhores, tem quatro cômodos, decorados em ordem. Um fogão foi construído por ela, e fica ao lado da geladeira. A casa, de pau-a-pique, sem forro, abriga cinco pessoas. Com

considerado um ponto de coleta, e extraído dos locais certos no morro. A FEEMA fez ali um levantamento e constatou que os pontos de extração não oferecem perigo de desabamento.

A associação Amigos do Chapéu Manguieira é uma comunidade da Zona Sul que foi se formando pouco a pouco na parte alta do bairro do Leme, limitando com a Zona Militar. Ali, as casas foram-se multiplicando, a ponto de se desdobrar

transmitido às professoras da rede estadual de escolas de primeiro grau e que participam do Curso de Arte e Educação, na Escola de Artes Visuais. Segundo Celeida, o trabalho com esses professores está dirigido para a compreensão de uma tecnologia alternativa de sobrevivência, dentro de processos criativos do grupo e que aumentará nos seus alunos a consciência de uma vida comunitária.



As peças de barro, prontas para o uso

Estado
no de
época

A

